

SNIPER NA FAB

A arma inteligente de baixo custo

Ten.-Cel.-Av. Rubens R. Cardoso Filho



A pesar das múltiplas e crescentes aplicações do Tiro à Longa Distância (TLD), realizado por armas portáteis no mundo, aqui no Brasil e, mais especificamente, na Aeronáutica, o seu aproveitamento se restringe, basicamente, aos campeonatos nacionais (espírito olímpico).

Contando apenas com uma pequena equipe de atiradores, ativada periodicamente e usando fuzis para a distância de 300m, sem o auxílio de lunetas, pode-se dizer que essa é toda a capacidade instalada da Força nesta área.

Entretanto, para se avançar nesse sentido é preciso conhecer, antes, um pouco mais sobre o TLD, percorrendo assim as suas mais significativas passagens pela História.

As primeiras notícias ocorreram na II Guerra, quando alemães usaram uma tática de relativo sucesso: ao abandonarem suas posições (normalmente em cidades) deixavam sempre para trás um pequeno número de SNIPERS espalhados com o intuito de retardar o avanço aliado, o que acabava sempre acontecendo.

Mas foi durante a Guerra do Vietnam que o uso do SNIPER se notabilizou ao penetrar no campo da psicologia de massa, através do "atirar apenas para ferir". Com isso, o SNIPER vietcong tinha suas opções: contabilizar três soldados, saindo fora da linha de combate, para cada ferido que fazia; ou a de simplesmente estabelecer o pânico, não permitindo que se prestasse socorro algum às suas vítimas. Tal escolha fazia com que toda uma tropa se mantivesse rente ao chão e significava uma verdadeira guerra de nervos com duração de até um período (diurno). Apesar da sua larga utilização, o reconhecimento público do seu poder como arma inteligente e perigosa, só chegou mesmo com o assassinato do Presidente Kennedy.

A partir daí, o mundo rendeu-se definitivamente à sua força, passando, com o advento da tecnologia, para uma nova era: a da busca por maiores conhecimentos técnicos e aplicações. Foi nessa ocasião que o estudo das trajetórias, o desenvolvimento de armamentos e munições tiveram um grande impulso.

Mas foi durante a invasão do Afeganistão que aconteceu um outro fato marcante relacionado com o TLD. Tem-se notícias de que os russos, pela primeira vez, incorporaram também os SNIPERS, a nível de grupo

de combate, nos seus inventários de armas inteligentes, desta vez para a Infantaria (usando fuzis Draganov 7.62mm).

É bem verdade que a essa altura dos acontecimentos, os EUA já vinham acumulando um "know-how" de sobra para compreender o valor militar de tal arma, o que culminou com a criação de centros especializados de pesquisa e treinamento, como o de Fort Benning.

Tem-se notícia também de que já se utilizou os SNIPERS em outras ocasiões: na Operação "Justa Causa" - Panamá; na Somália e na Operação "Tempestade do Deserto" - Guerra do Golfo. Nesses casos os fuzis usados foram os calibre 0.50 Barret e os M-24 Remington.

EMPREGO DO TLD

Em função da sua alta objetividade, é óbvio que essa cultura seja preservada por quem a detenha. Por isso mesmo é que, para consegui-la, faz-se necessário que o pretendente tenha um perfil confiável, além de, naturalmente, um conhecimento suficiente para a sua perfeita compreensão. Afinal de contas, nesse campo não se pode correr riscos ou imaginar absurdos...

O importante é que o uso militar ou as medidas de segurança contra o TLD, através do SNIPER, são irreversíveis e em determinadas ocasiões se tornam até imprescindíveis.

Mas nem tudo é tão simples e fácil. Existe também o lado dos óbices desta história. Para um atirador chegar a fazer a aquisição do alvo designado e o disparo, precisa passar por uma série de variáveis, tais como: vento, reverberação, luminosidade, escolha da arma, do projétil (peso e velocidade), além de conhecer em que parte do equipamento-alvo ele deve acertar.

Quanto ao campo de utilização do TLD, o que se pode afirmar é que este vem se diversificando muito. Seu uso abrange

desde as guerras (incluindo a guerrilha e terrorismo), até a esfera paramilitar (o uso pelas polícias). Cabe ressaltar, entretanto, que a nossa discussão vai se restringir apenas a uma situação de guerra.

Sendo assim, encontramos as seguintes aplicações num cenário atual:

Ofensivas - destruição parcial (partes vitais) de radares transportáveis e fixos; de aeronaves estacionadas fora do alcance normal das armas portáteis; geradores; sistemas de comunicação (C3I); veículos blindados leves; baterias antiaéreas; além da tradicional função de retardar tropas ou de eliminar eventuais chefes militares inimigos.

Defensivas - basicamente impedindo que o inimigo cumpra com êxito as mesmas funções ofensivas descritas acima, contra o nosso país.

É comum pensarmos mais no aspecto de que, provavelmente, só seremos atacados por aeronaves. O correto, entretanto, seria este: como o inimigo vai me atingir (buscando o mesmo efeito) da forma mais fácil e barata para ele?

Em termos de eficiência e apenas para se ter uma idéia sobre a área de domínio do SNIPER, sabe-se que, atualmente, o seu raio de alcance pode chegar a 1800m de distância (resultado já comprovado em ação).

Voltando então para a nossa Força Aérea, a proposta mais viável, primeiro, é obter maiores conhecimentos através de um intercâmbio, voltado para as técnicas defensivas e, a partir daí, projetar um núcleo capaz de desenvolver e aplicar uma doutrina própria e adequada à nossa realidade. Em seguida, colocar esses conhecimentos em prática durante as manobras ou FPD, acompanhando os esquadrões e radares transportáveis em substituição a uma parte dos militares designados para essa segurança (instalações e equipamentos).

Quanto às vantagens de se criar um núcleo dessa natureza, apontamos:

- capacidade ampliada de reconhecimento do terreno para fins de defesa das instalações e equipamentos nobres;

- capacidade de se poder criar as zonas específicas de segurança (triangulação das duplas de SNIPER) com raios de alcance variáveis (conforme o alcance do equipamento e treinamento);

- capacidade de se ter um grupo em condições de se infiltrar no inimigo, visando danificar o seu material ou retardá-lo;

- conhecer melhor esse assunto para se antecipar ao pensamento e necessidades do SNIPER inimigo;

- baratear o custo da segurança das instalações e equipamentos nobres (fixos ou transportáveis).

- apresentar maior eficiência em relação a essa segurança.

É lógico que os efeitos positivos dessa nova capacitação da Força vai mudar em muito os atuais conceitos existentes de segurança. Mas a realidade é que não mais podemos ignorar tal espaço e o caminho precisa ser tomado.

A relação custo X eficiência de um grupo pequeno, embora qualificado, está mais do que comprovada, além do que, por menos de dois dólares (preço de um disparo 0.50mm match), pode-se evitar grandes problemas ou permitir que a Força Aérea (e o país) ganhem muito em termos de segurança.

A massa crítica capaz de assimilar esses novos conhecimentos e planejar os passos corretos para culminar numa doutrina específica, já existe na FAB. Então, por tudo o que foi exposto, será que vale a pena continuarmos desprezando esse potencial?

Até quando vamos "cochilar" nesse Tiro?

O Ten.-Cel. Cardoso Filho já participou de inúmeros campeonatos de tiro nacionais e alguns internacionais. Faz parte da Equipe de Arma Longa da FAB e atualmente é instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica.